

acar-se



Organizadores

Juliana Cristina Pereira
Davi de Codes
Eduardo Silveira
Elisa Helena Tonon
Gizelle Kaminski Corso
Leandro Belinaso Guimarães

Des-loucar-se

Livro II

Biblioteca Central
Campinas, SP
2017

Elaboração da ficha catalográfica

Gildenir Carolino Santos
(Bibliotecário)

Texto, editoração e acabamento

Juliana Crispe
Campinas – SP

Tiragem

E-book

Registro do ISBN

Biblioteca Central – UNICAMP

Foto da capa

Juliana Crispe

Revisão textual e bibliográfica

Elisa Helena Tonon, Gizelle Kaminski Corso

Organizadores

Juliana Cristina Pereira, Davi de Codes,
Eduardo Silveira, Elisa Helena Tonon,
Gizelle Kaminski Corso, Leandro Belinaso
Guimarães

Catlogação na Publicação (CIP) elaborada por
Gildenir Carolino Santos – CRB-8ª/5447

D45 Des-loucar-se / organizadores: Juliana Cristina Pereira... [et al.]. -
Campinas, SP: BCCL/UNICAMP, 2018.
2 v.

Livro 1: ISBN: 978-85-85783-78-5

Livro 2: ISBN: 978-85-85783-80-8

1. Climatologia. 2. Subjetividade. 3. Cidades e vilas antigas.
4. Arte e literatura. I. Pereira, Juliana Cristina (Org.). II.
Título.

18-004

20ª CDD – 551.6

Impresso no Brasil

1ª edição – 2017

ISBN: 978-85-85783-78-5 (v.1) / 978-85-85783-80-8 (v.2)

Depósito legal na Biblioteca Nacional conforme Decreto n.º 1.825 de 20 de dezembro de 1907. Todos os direitos para a língua portuguesa reservados para o autor. Nenhuma parte da publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, seja eletrônico, mecânico, de fotocópia, de gravação, ou outros, sem prévia autorização por escrito do Autor. O código penal brasileiro determina, no artigo 184: "Dos crimes contra a propriedade intelectual: violação do direito autoral – art. 184; Violar direito autoral: pena – detenção de três meses a um ano, ou multa. 1º Se a violação consistir na reprodução por qualquer meio da obra intelectual, no todo ou em parte para fins de comércio, sem autorização expressa do autor ou de quem o represente, ou consistir na reprodução de fonograma ou videograma, sem autorização do produtor ou de quem o represente: pena – reclusão de um a quatro anos e multa. Todos direitos reservados e protegidos por lei.



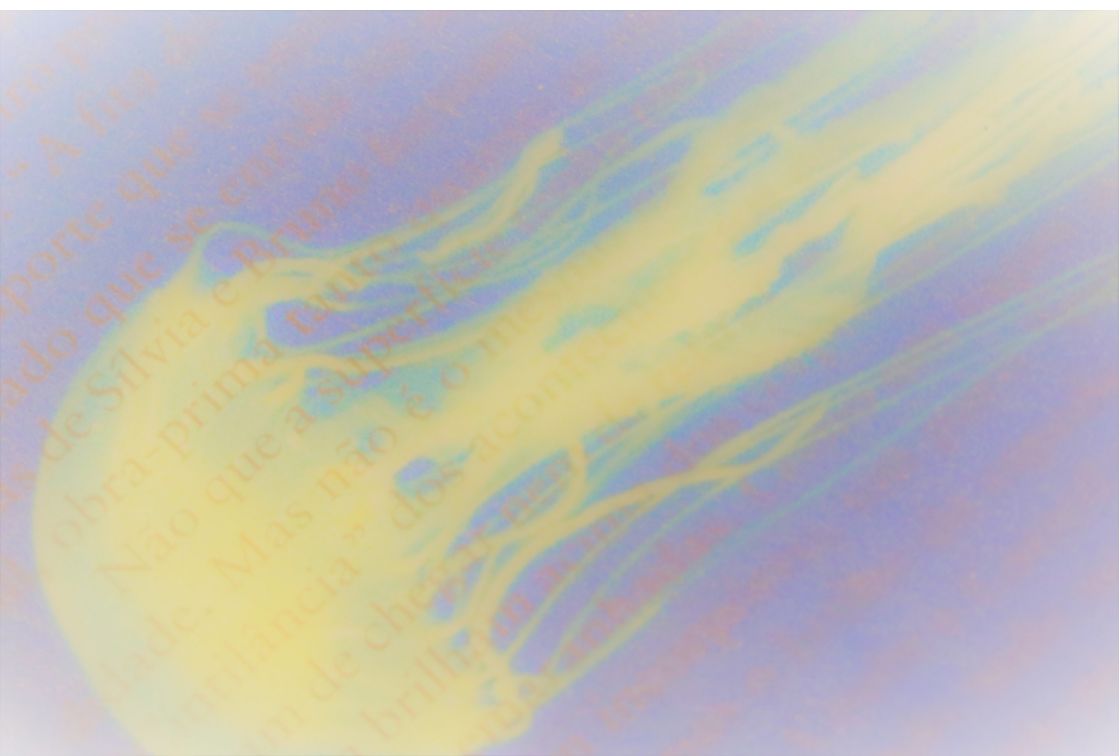
lucar-se

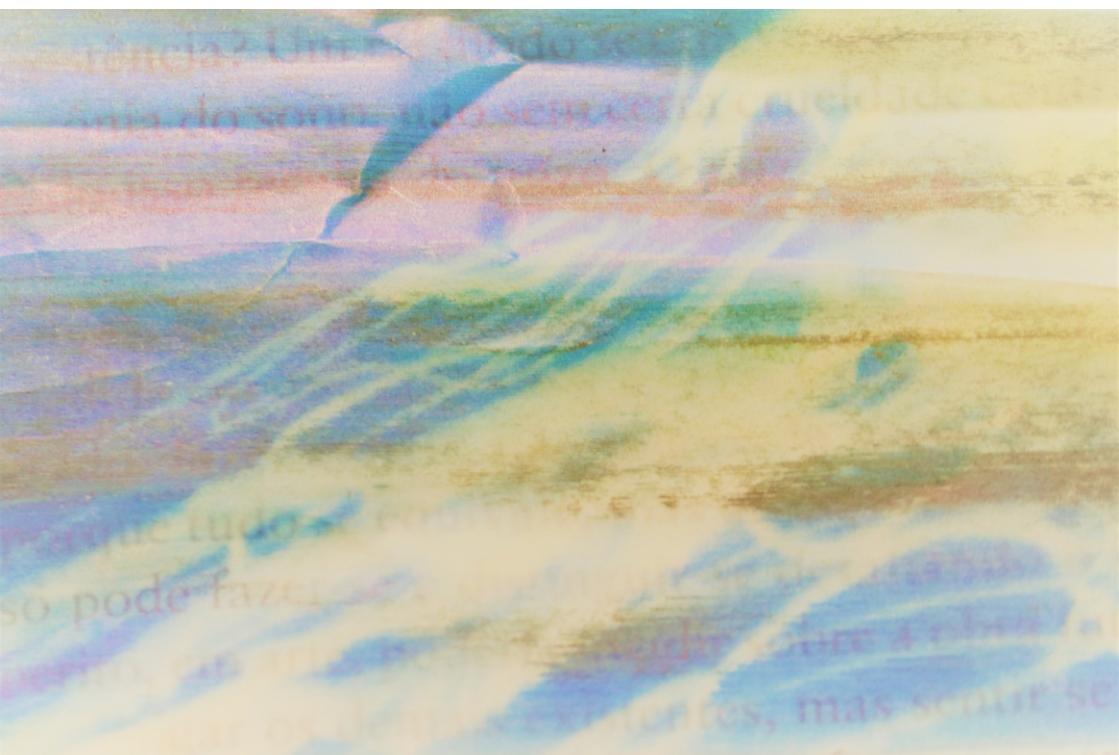


des-loucar-se II

Annaline Curado, Amauri Araujo Antunes, Cabras Alpinistas, Carolina Votto, Eduardo
Silveira, Emerson Cardoso, Fernanda Aline Petry, Georgina Ariane Rodrigues Sarmento,
Guilherme Trópia, Maria Kasper e André Pietsch Lima, Kyanny Onofre Pompilio,
Leandro Belinaso, Lina Ribeiro Venturieri, Mariane Schmidt da Silva, Marflia da Nova
Storck, Marta Catunda, Rinaldo Oriano, Rodrigo Chagas, Sheila Hempkemeyer, Sofia
Brito, Tamiris Vaz, Vinícius Abrahão de Oliveira e Victor Anselmo Costa

Org: Juliana Cristina Pereira, Davi de Codes, Eduardo Silveira, Elisa Helena Tonon, Gizelle
Kaminski Corso, Leandro Belinaso; - Desterro







de textos, dos quais alguns são mais ou menos
organizados em torno de um determinado tema. O
leitor, o escritor, como os filósofos, trabalha na lin-
guagem, uma língua de alguma modalidade lingüística. Ele
potencializa gramaticais ou sintáticas. Arrasta a lin-
guagem para os seus limites, leva-a a *delirar*. Mas o
leitor é também inseparável de um problema de *ver*
efeito, quando se cria uma outra língua no interior
da linguagem inteira tende para um limite "assintótico",
ou que se comunica com seu próprio fora.
O que está fora da linguagem, ele é o seu fora: é feito
de coisas não languageiras, mas que são a linguagem tor-

a superfície branca e
não é o mesmo nada com
dos acontecimentos pa
gar nem de retratar-se. O
um acima dos corpos e
tranhadas. Como um va
incorpóreo, um puro
mas o brilho da espada
gato. Coube a Carroll re
apostando tudo no não

SOB HABITAR A LOUCURA, escritos em trânsito

(Residência CASA B- outubro de 2016- Colônia Juliano Moreira-RJ)

1. Podia não parecer, mas eu estava em área hospitalar, meu travesseiro plástico azul não me deixava esquecer. O lençol era daqueles sem elástico. Todos os dias eu acordava e a cama estava só parcialmente coberta. Eu até aprendi, com uma amiga enfermeira, como colocar esse tipo de lençol amarrando-o por trás do colchão para não escapar mais: técnica de hospital! Eu sabia como a cama deveria ser feita, mas preferi não seguir o normal. Todos os dias eu acordava e observava aquela bagunça. Via nela cada rastro do meu percurso noturno. Se eu amarrasse o lençol não poderia mais saber por onde andei, todas as noites pareceriam estáticas e iguais. Preferi deixá-lo solto, colocando, todas as manhãs, o excesso de suas bordas embaixo do colchão. Fazia a cama como quem arruma as malas, preparando o terreno de dentro para uma próxima intervenção.

o lençol como espaço nômade

2. João estava lá dentro, ninguém viu como ele entrou. O portão ficou aberto, deve ter sido por ali, de certo. Não! O menino era daqueles que mantém viva a meninice do mundo: pé no chão, perna machucada, comer com a mão, subir na árvore. Veio ali por

uma missão, colher as mangas maduras espalhadas pelo chão. Conseguiu duas, mas disse que comeria até quinze, sem ter dor de barriga! Acho que João tinha super-poderes. Nos exibiu suas feridas da perna como quem se orgulha de ter voltado da guerra. Já era nossa hora de sair, tínhamos que fechar o portão. João ficou por lá, chupando manga, acompanhado do silêncio e da imensidão. Fiquei do lado de fora, feito espião, queria saber como o menino fazia pra sair sem passar pelo portão. Dois minutos depois, veio ele, com a tranquilidade de uma manga chupada. Chegou em frente ao portão de ferro, me olhou e disse: " É por aqui!" Pensei: "Agora o menino vai subir e pular !" Me faltou aquele olhar, de criança, que sabe onde seu corpo se encaixa. Corpo disposto à errância! João deitou no chão, e entre um ferrinho e outro do portão, passou inteiro e suave, feito um avião.

entrar (e sair) pelo entre

3. Ela me chamava de meu amor, enquanto abria as estranhas entre minha gengiva e os dentes. Chorei, sangrei, me tensionei toda. Difícil de se entregar, relaxar, eu não estava pronta! Nunca se está. Mas ela me chamava de meu amor. Por que ainda se insiste em rimar amor e dor?

limpeza completa (com flúor sabor morango)

4. Cheguei com o pandeiro, ela começou a cantar: "a saudade mata a gente, morena... a saudade é dor pungente, morena". Perguntei seu nome, me respondeu: "Meu nome é Maria da Penha." Com aquela voz áspera de cigarro, ela me arrancou arrepios. Ficou um minuto em silêncio, então puxou um samba lá do mundo da memória: "Dizem que essas Marias não tem entrada no céu..." Não era qualquer música, não era qualquer lugar, não era qualquer mulher. Aquilo não parecia mas era um hospício, ela sabia, estava ali por isso. Quantas outras Marias como a da Penha foram parar ali por serem dessas Marias e não terem entrada no céu. Aquilo não parecia mas era um hospício, ela sabia, estava ali por isso. Cantou com toda sua lucidez, tudo fez todo sentido.

Dionéia sabe muitas letras de música

por Annaline Curado

Derivado

Todos os dias passava por ali, agora ela o chamou.

Pareceu-lhe estranho e não deu maior atenção, seguiu o mesmo caminho de todos os dias.

Surpreendeu-se ao vê-la novamente, na próxima esquina, chamando-o.

Cumprimentou-a com os olhos e mudou de calçada.

Ela o seguiu.

Algo de terror começou a tomar-lhe. Em todos os lugares ela estava e acenava chamando.

Já não era possível fingir-se desapercibido, ela o tocava, esbarrava, trombava, arrastava-o no meio da multidão.

Mudou seu trajeto, passos nervosos, quase correndo, mas não havia como fugir, era mais rápida e se antecipava.

Passou os parques, as praças, os prédios que lhe eram ligeiramente familiares, seguiu em desespero, até não mais saber onde estava, e ela acenando.

O que queria? perguntava em pânico. Justo ele!?!

Tentou em vão se localizar.

Sua única visão era ela. Hipnotizando-o.

Nunca a havia percebido até o momento.

Bela e exótica! Muito mais que as luzes de néon que se misturam às frias lâmpadas de mercúrio. Mais que a erótica confusão dos corpos na corrida cotidiana. Eloquente!...

Tanto quanto seus ruídos urbanos. Seu perfume, misto de gases e óleo, indecifrável, embriagava.

Não mais fugia, seguia. Aproximando-se.

De perto, muito perto, como se viajasse por dentro de si mesmo, viajava por dentro dela. Mergulhava em seus becos, vagueava por avenidas, espiava, indiscreto, as intimidades dos seres; entendia.

Finalmente, deu-se o braço e perdeu-se na cidade.

por Amauri Araujo Antunes

Tican-Ticen - Via Mauro Ramos

Subi o primeiro degrau da porta. Isso aí! Vamos lá! Mais um degrau e eu estaria dentro do ônibus.

- Enquanto vocês não derem um passo pra trás o ônibus não vai sair do lugar!! - o cobrador gritava estressado.

-Não cabe mais, não tá vendo?! - um senhorzinho abraçado a uma trompa gritou de volta.

Ouvi um "Vambora, motorista!!" vindo do fundo.

Como sempre, eu estava empacando o ônibus. Aguentava a cara de tédio do motorista que esperava eu sair da porta para ele conseguir fechar. Subi o segundo degrau. O ônibus fechou a porta nas minhas costas e acelerou. Ouvi os aplausos do pessoal no fundo. Todo dia eu pegava esse mesmo ônibus e todo dia encontrava o mesmo fuzuê:

FOM, FOM, FOM!! Olha o algodão-doceee!!

Um homem se amontoava pelo ônibus gritando e tocando sua buzina.

FOM, FOM, FOM! Olha o algodão doce!!

- Que algodão-doce o quê?! - respondeu o homem na minha frente. É natal!! Dê para seus filhos uma linda ararinha azul de presente – falou ele, levantando uma gaiola com várias araras se batendo e grasnando – Direto da Amazônia! Precinho especial pra vocês.

Uma mulher sentada no banco ao meu lado falava alto no telefone:

- Me desculpa, me desculpa! O ônibus atrasou!! Eu já estou chegando! O QUÊ?? ME DEMITIR?? Mas eu fiz os cento e quinze relatórios que você me pediu ontem. POR FAVOR, NÃO FAÇA ISSO!!! EU IMPLORO! Eu não posso perder esse empre... - Olhou a tela do celular incrédula. – desligou... - Bateu com cabeça na janela do ônibus e desandou a chorar.

O homem das araras, vendo a cena, não perdeu tempo:

- Olha o revólver calibre 32!!! Faço um precinho camarada pra tu, moça. Tá querendo se livrar de alguém isso aqui é dois palito.

- Aceita cartão? – perguntou a moça, entre lágrimas.

- Claro, aí – Sacou uma maquininha de cartão de crédito da mochila – Só passar cartão e digitar a senha.

Fiquei observando eles tratarem de negócios e depois ele ensinando-a a usar:

-Fica de olho que tá carregada, falou? Faça bom proveito.

Assentindo com a cabeça, ela pegou a arma e colocou na calça. Levantou do banco e puxou a cordinha. O ônibus parou. Ela desceu. O ônibus fechou às portas. Olhei para a mulher pelo vidro enquanto o ônibus não arrancava. Ela estava com o revólver na mão e estudava o gatilho. Em seguida vi a mulher apontando para a própria cabeça e, logo depois, ouvi um disparo. O ônibus acelerou.

TU RU ROOOMM, RO RO ROOM, RO RO RUUU

O senhor que estava abraçado na trompa não estava mais abraçado à ela, segurava-a. Não só isso, tocava-a com toda sua vontade enquanto todos o encaravam, mal-humorados.

TU RU ROOOMM, RO RO ROOM, RO RO RUUU RU RU
RUU RU RU

- Para com essa merda!!! Ninguém é obrigado a ouvir essa barulheira – uma velha gritou dos bancos da frente.

TUUUUUU RUUUU ROOOOOOMM

- Se você não parar te encho de porrada – um homem se levantou indo pra cima do banco do trompista.

TA ROOOOO ROOO ROOOOM

O homem agarrou a trompa e jogou no chão:

- Agora você vai ver, desgraça-

-AI MEU DEUS, TEM UMA CABRA NO MEIO DA RUA!!!! –

A velha gritou desesperada

O ônibus foi derrapando na pista:

[illegible]

Madalena acordou balindo e respirando ofegante. Olhou para um lado, olhou para outro. Olhou para seus pés de cabra: "tudo certo aqui", pensou. Colocou as mãos nos cornos e depois na barba: "Aqui também". Por último, arriscou umas palavrinhas: "béééh". Certo, fora só um pesadelo. Madalena se aterrorizava tanto com a ideia de ter a vida de um humano que tinha todo dia pesadelos

com isso. Acordava sempre assustada, tentando se certificar de tudo. Colocou-se de pé. Era hora de acordar. Não era um humano, era uma cabra, uma cabra alpinista. Uma maravilhosa cabra alpinista. Tinha um paredão a escalar pela frente. Um mundo a desbravar. Não podia perder tempo, era hora de brilhar!

por Cabras Alpinistas

Um retorno ao diálogo que nem precisava de palavras

Um dia ele me disse que meus escritos desprezavam as palavras, a tristeza dos dísticos era tão profunda que para quê palavras? Onde a impessoalidade não reina, escrever deverá ser um exercício de alteridade, uma entrega para os mundos, das senhoras que ajeitam seus cabelos em paradas de ônibus em que reina o vento ou 31 graus de um Rijnviera, janeiro escaldante, Joyce e Oiticica rindo da ilha em que nada se encontra. Talvez por isso uma ilha. Mas ele disse que a minha melancolia era tão profunda aos 25 anos que se poderia dispensar as palavras, falou também de Faulkner e a escrita despreziosa do ponto de vista do narrador. É tão difícil achar o caminho entre a ausência das palavras e o silêncio, ali naquele recôndito que a chuva bate e ninguém pode se instalar. Esse lugar sem cômodos perdura o amor, tanto o verbo quanto os sujeitos apaixonados transitam. São ínfimas odes de tristeza, incompletude (o que incompletude tem a ver com o amor?) Freud já disse o que vem é o desamparo, são mananciais discursivos diferentes, incompletude e ausência, ali reina um senhor soberano com uma foice, implorando que não se abandone as incertezas ou nossas certezas mais exatas. No sábado (prelúdio do domingo), dentre os dias da semana, me pareço mais com a segunda-feira, aquela madrastra dos que contemplam o ócio, lia fragmentos de um discurso amoroso e

entre a dor que não podia ser palavra (a dor é uma palavra), como diria um senhor tacanho - pensamos por palavras - mas queria retornar ao amor ou melhor a um discurso de amor. Aquele discurso que está entranhando em mim, um discurso do trágico, mas não um trágico alegre, que afirma a vida. Meu trágico amoroso se aproxima do niilismo reativo e se tento incansavelmente distanciar-me desse discurso, ele é um corredor nato, dispara e ganha todas as corridas, eu tenho tendinite no pé esquerdo, ele é veloz, me alcança e me vence, tem dias que ele me vende. Desejo muito ser o sujeito impessoal do poema, aquele que escreve com a história de todas as gentes, que permite que a literatura alce a plenitude, mas pudera, é só para falar daquelas paisagens também. O sujeito apaixonado é desconexo, um dos fragmentos alça Proust e as paisagens do amor e não é assim também. O discurso começa por declarar que nos apaixonamos por uma imagem de amor é a imagem do amor, imagem, o resto é palavra e deleite quando assim ocorre. Acabo de descobrir que pela imagem do amor, não existe um trem que duas pessoas andam juntas, mas existem duas linhas de trem, cada um enquanto trem, por ora tem um descarrilhado. Momento número 1: As expectativas são suas, você irá fazer da informação um cavalo de Troia, mas ninguém entra na cidade um do outro, cada território no amor é assegurado, são as imagens que dançam e se encontram, o resto é desesperança mesmo e um arcabouço de

sofreguidão. Apaixonar-se pela paisagem do outro, não significa apaixonar-se pelas suas expectativas, são só imagens, imagens de um outro constituído de paisagens, paisagens fúnebres, funestas ou alegres, mas há uma escolha pelas paisagens que se deseja apaixonar-se. Qual é o tempo de duração dessa imagem? O que sacia o desejo que vem em conjunto, agora chegamos no trágico. O trágico é que esse controle inexistente, nos apaixonamos sem o futuro. Sócrates asseverou em seu juízo racional de morte a tragédia, mas que tão bem definiu o amor: não temos o futuro no amor e com isso nos angustiamos e vamos tropeçando ora alimentando a imagem primeva, quanto tempo de duração possui essa imagem? Para alguns como Baudelaire pode durar o tempo de uma passante, o tempo dos versos do poema, para outros meses de inconstância e até leveza.

Momento 2: quando o peito desacelerar....alguém sussurra andarilhagens, pegue o próximo trem, aceite o desatino, é o tempo que (re) faz os passos, quem ousa escutar o canto das sereias - narrando suas memórias - efemérides na busca de um conforto. Mas algum dia em um lugar remoto qualquer – você escutou que existe algo fixo? Talvez concorde com ele – a vida se conhece com os pés.

por Carolina Votto (Último dia de Janeiro de 2017)

Nunca foi sobre os pingos grossos e certos, não. Nem mesmo sobre as poças inchadas que pareciam gordas, sedentárias. Aquela umidade toda que entrava grossa e quente pelas narinas para sair salgada, explodindo os poros. Não, não. Estava tudo bem com isso. Poderiam até pensar que fosse o cheiro, o vento forte e cortante, o frio. Mas tampouco. Nunca foi sobre isso. Ou sobre o chão duro e sujo, os retalhos que cada dia se tornavam mais curtos sobre meu corpo. As unhas que insistiam em crescer nas pontas rachadas de meus dedos, trazendo camadas e mais camadas de um preto contínuo, fétido. Não. Pensariam, talvez, que fosse a fome, a sede, o desejo de um banho quente escorrendo sobre minha carcaça. Mas não, não era. Seria muito lógico que fosse pela falta; sim, a falta de tudo. Só que não era. Sempre foi outra coisa. Outra coisa. Sim, outra, coisa. Sempre foi o excesso.

A profusão incessante e permanente de
vruuuuuuummmmmmmmmmmmmmm!! bibi, biiibiiii,

biibiiiiiii! Clang! Blém! Blééééémm! Ughhhh!

[illegible]

blá, blá-blá-blá, biiibiiiiiii blá-blá-blá, toc, toc, toc, toc,
vruuuuuuummmmmmmmmmmmmmmmm,

$$V_{r000000_{mmmm},}$$

DVD CD-DVD! Chip, chip, chip! **Bang! Bang! Bang!** Ahhhhhhhh.

ó Uí-ó Uí-ó Uí-ó vrruuuuuummmmmmmmmmmmm! Uí-ó

[illegible]

Cri. Cri. Cri.

Vroooooooooooo

Cri. Cri. Cri.

Cri. Cri. Cri.

Cri. Cri. Cri

abcdefghijklmnopqrstuvwxyzZZ

VvvV**r**oooooooo_mmmm...

Sim, sempre foi.

Sempre. É.

Por: Eduardo Silveira

- Alô?
- Onde você está Maria?
- Sentada!
- Sentada?
- É, no ônibus!
- E onde você está?
- Na estrada!
- Sim, mas em que lugar?
- Não sei, tudo passa velozmente!
- Pergunta para alguém Maria!
- Não tem ninguém. Estou tonta!
- E o motorista? Pergunta para o motorista!
- Ele trancou a porta, não dá!
- Faz tempo que você está viajando Maria?
- Não sei, eu dormi!
- Que horas você saiu? Olha no relógio!
- Eu não tenho!
- Olha aqui Maria, quando você chegar me procura! Estou te esperando.

Dias depois...

- Maria, por onde você andou? Até a polícia já está atrás de você!
- Eu me perdi!
- Mas como? O ônibus era direto!

- Acho que entrei no ônibus errado!
- E por que deixou de atender o celular que eu te mandei de presente?
- Acabou a bateria, então eu joguei fora!
- Maria, você precisa ser mais atenta! Onde está sua bolsa? Perdeu também?
- Eu não tenho!
- Um mulher sem bolsa? Onde já se viu isso Maria! Vamos pra casa, lá a gente conversa.

No táxi...

- O que foi Maria?
 - Para onde estamos indo?
 - Para casa!
 - Está me mandando embora?
 - Não Maria, estamos indo para minha casa! (...) Toma, é para você não se atrasar mais!
 - O que é isso?
 - É um relógio mulher, nunca viu? De que mundo você veio?
 - (silêncio).
 - Desculpa Maria. (...) Pode deixar que eu guardo o seu novo relógio aqui.
 - Você tem uma linda bolsa!
 - Sorriu.
- Em casa...

- Me conta, roubaram suas coisas?
- (silêncio).
- Eu não gosto desse seu silêncio Maria! (...) Já sei, vamos comprar um vestido novinho para você! Gosta de azul Maria? Olha como esse cai bem!
- É um espelho?
- É claro que é um espelho Maria! (...) E então, gostou do vestido ou não?
- Você é muito bonita!
- Vem aqui na frente do espelho Maria. Olha bem! Somos idênticas, não é?
- (silêncio).
- Gêmeas, é assim que se diz! Já viu duas pessoas tão idênticas quanto nós Maria?
- Eu não me lembro de ter visto um espelho antes!
- Não seja boba Maria. Olha pra mim, estou aqui para te ajudar!
- Mas foi você quem pediu minha ajuda.
- Graças a Fundação nos encontramos! Você fará parte de mim agora! Não é Maria?
- É lindo o espelho!

No hospital...

- Maria, se você quiser pode desistir!
- (silêncio).
- O que foi? O que está fazendo mulher?

- Aqui tem espelho?
- Não seja boba Maria, do que você está falando?
- Eu quero te mostrar uma coisa que eu descobri!
- Maria, fica! Você já é parte de mim!
- Então posso segurar a sua bolsa?
- Quando tudo isso terminar eu compro uma bolsa pra você! E um espelho. E até um vestido novinho!
- (silêncio).
- O que foi Maria? Está com medo?
- Como vai ser?
- Será como... dormir! Isso. Será como dormir.
- Então vai ser como sonhar?
- Sonhar? (...) Não sei Maria! Não sei!

Na sala de recuperação...

- Olha pra mim! Bem aqui, está vendo? Acho que agora não somos mais idênticas!
- Não diga isso Maria?
- Para onde vamos depois daqui?

Silêncio. E pela primeira vez, Maria, com acento no A, chorou.

por Emerson Cardoso

Nossa! Quanta pressa!!!

Nem vi a cor!

Parecia um tom verde...

Mas acho que também poderia ter sido azul...

Se bem que se levar em consideração que estava contra a luz, poderia ser amarelado...

Ou então, o fato de já estar anoitecendo, contribuiu para que a luz incidente sobre a cor se dispersasse de maneira desigual e a cor por mim observada fosse totalmente diferente do vermelho original!

Imagina então se tivesse que descrever o modelo!

Parecia um modelo chato...

Mas acho que também poderia ter sido um pouco mais alto...

Se bem que se levar em consideração a altura em que eu me encontrava, poderia ser de altura mediana...

Ou então, o fato de já estar anoitecendo, contribuiu para que a sombra projetada me fizesse pensar que poderia ser baixo enquanto na realidade ele era o mais alto já visto!

E para descrever o ser humano que estava calçando aquele sapato?!?

Só poderia ser um atleta...

Mas acho também que poderia ter sido um trabalhador apressado...

Se bem que se levar em consideração o horário em que o transeunte passou em minha frente, poderia ser uma criança voltando feliz da escola...

Ou então, o fato de já estar anoitecendo, contribuiu para que eu fizesse a suposição de ser o treinamento de um atleta enquanto na verdade poderia ser a mãe desesperada procurando seu filho no hospital!

E...

por Fernanda Aline Petry

Trajetos des-loucantes

Não tenho muitas histórias para contar. Eis aqui, uma jovem que nunca andou por outros cantos de Brasil. Como uma pessoa é capaz de “des-loucar-se” desse jeito? Bom, eu acho que tenho uma ideia e posso mostrar que há outros meios de “des-loucar-se”, conhecendo o País inteiro e ainda realizar uma viagem internacional sem necessariamente sair da cidade. Bom, não parece interessante a princípio, eu sei, no máximo curioso. Mas depois de ouvir a minha história, talvez você mude de ideia, ou não. Então vou relatar um pouco da minha rotina diária. Moro numa cidade que tem por nome Boa Vista, localizada no estado de Roraima, extremo norte do Brasil, e faz fronteira com a Venezuela, Guiana Inglesa e também os estados do Amazonas e Pará. Atualmente sou estudante de Artes Visuais da Universidade Federal de Roraima, frequento as aulas durante o turno da noite, e a maioria do corpo docente veio de outras regiões do Brasil, como o sul e o nordeste. Por muito tempo morei com a minha família, todos da “terra”, indígenas macuxi, mas atualmente moro com dois amigos paraenses, que me adotaram. Uma pretende voltar às suas terras de origem e o outro é “roraimado” de coração. Durante o trajeto até a faculdade, passo por inúmeros ambientes, e me deparo com um turbilhão de pessoas de vários tipos, raça e cor. Pessoas tristes, alegres, falantes e quietas,

peessoas em grupos ou sozinhas, gordas, magras, altas e baixas, vestindo saíões, bermudinhas, calças ou turbantes na cabeça, uniformizadas ou com roupas descoladas e da moda, com cabelos cacheados, lisos, curtos ou longos pintados ou naturais. Enfim, uma infinidade das mais variadas combinações. Entro no ônibus e reparo nas pessoas conversando, nos idosos, que refletem algo ao olhar pela janela. Há pessoas que gostam de estar ali, outras que não gostam mas que dependem desse meio para locomoção, crianças e adolescentes fardados em direção à escola e adultos indo à labuta de cada dia. Desço e me encontro no terminal de ônibus, um grande local de vai e vem de pessoas, de todas as classes sociais, mas a maioria com baixa renda. Enquanto rumo ao centro da cidade, percebo que há um grupo de “hermanos” conversando alegremente ao meu lado. No trajeto, passo por inúmeros vendedores ambulantes oferecendo-me seus produtos clandestinos, vindos da Venezuela e Guiana. Depois de percorrer uns lugares me encontro agora na Universidade Federal de Roraima, e me vejo admirando as pinturas murais feitas em processo de intercâmbio entre alunos do curso e coletivos vindos de Manaus e Venezuela, em que cada um trouxe um pouco dos seus traços e também da sua cultura. Todo esse misto de pessoas, estilos, tradições e costumes narrados são vistos como naturais na cidade, pois é um local de fronteira, e pessoas vêm aqui por motivos diversos, é algo rotineiro. Quando analiso essas situações

baseadas em teóricos que estudei em sala de aula, percebo que tudo pode ser mais profundo. Toda essa mescla faz parte de uma identidade do povo, que consegue carregar muito da sua cultura ao se deslocar para outros lugares. Somente com o ato de conversar com algumas pessoas vindas de outros lugares por uns instantes, já se consegue observar um sotaque, uma outra maneira de se expressar e assim por diante, ao mesmo tempo em que eu me transformo enquanto sujeito. Em Boa Vista, o simples ato de ir à mercearia ou mesmo passear na praça, se torna uma viagem intercultural, pois há conhecimento, cultura, diferenças e tradições. Há um povo misto que vai ao encontro de uma identidade que ainda se encontra em formação.

por Georgina Ariane Rodrigues Sarmiento¹

¹ Macuxí, estudante do Curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Roraima (CCAV-UFRR). Bolsista PIBIC-CNPq.

Rastro

Farei uma tentativa de escrever o que me pediu daquilo que experimentei e tinha contado apenas na sala de aula. Percorria um caminho todos os dias logo pela manhã. Bem cedo. Durava 25, 30 minutos de caminhada. Era um caminho que de tão repetido parece que... parei de ouvi-lo. Não havia nada novo nas subidas e descidas do caminho. Mas não era percurso inútil. Para além de chegar ao local destinado, vinha cheia de pensamentos. Refazia a agenda do dia. Da semana. Organizava a lista de compras do supermercado. Retomava os assuntos de prova, trabalho e leituras. E também temas do curso da igreja. Cantava. E pensava em coisas que esqueço, que não digo ou que nem daria conta de dizer. Era eu comigo mesma e, às vezes, com... outras de mim. Em uma descida, estava ansiosa porque não tinha uma varanda na minha casa. Inventar? O que faria? Já tinha tentado algumas coisas, mas a sensação é que estava totalmente impossibilitada, sem sentido. Inquieta no caminho, deparei com uma montanha de areia. Era nova no caminho. Fiquei olhando e fui embora. No dia seguinte ela estava lá. E no outro. No outro. Outro. Eu tomava de olho a areia de diferentes jeitos. Quando passava dela para mais adiante não resistia de voltar o olhar. Ela continuava lá. Não se contorcia para voltar o olhar para mim. Mas eu não desistia. Voltava o olhar ao cruzarmos no caminho. Iluminada

pelo sol, resolvi tocá-la com as mãos. Nos meus dedos aqueles grãos de sílica. Impuros. Aquela areia que é um desmanche de pedra. Fragmento. Rastro. Resto. E como se pudesse segurar um só grão, ele não seria mais aquela montanha. Podia ser muitas coisas. Podia criar muitas coisas. O grão inventava de não ser areia. Peguei um pouco daqueles grãos para você. No dia seguinte não estava mais lá. Foi deixar de ser areia em outro lugar. Quem sabe esse caminho fosse a minha varanda... Na tentativa de escrever para você fico com incertezas de que as palavras... não sei... não dão conta de contar!

por Guilherme Trópia

Perambular

Subir em um ônibus: partir. Sagrado coração. Cobrador cantarola lá ia ele lá laiálaiá laiá lai laiá laiá e assobia animadíssimo. Ou será o motorista? Empolgação em sábado frio, cinza. Ainda não dormi. Levantei-me. Duas e meia. As noivas aéreas do Alto da XV cantarolam em silêncio. Motorista-passarinha. Carroquente FEIRÃO DO PINHEIRÃO Circo Rússia amarelo e vermelho AUTO-ESCOLA CUIDADO ESCOLA campo de futebol LIQUIDAÇÃO TOTAL LIDER MUNDIAL AU-AU ãhan! Portas abrindo. Fluxo de gente. Portas fechando. Show a pastelaria da Claudete! Como lhe parece? Nas ruas tons azul bebê como uma aparição no bairro latidos de cachorro e uma Kombi vendendo milho verde batem palma no portão das casas cheiro de óleo diesel. Queimado. Tem dia que tem dez pessoas trabalhando, um tropicando no outro pra defender o pão. Ipês roxos ali. Acolá o quero-quero grita através do cheiro doce de vento. DIVINO TRANSPORTE. De repente rouba a cena descendo com tudo a rua MUDANÇA VIAGEM Paróquia Santa Madalena novo horário ai meu deus costela de fogo de chão pra viagem alguém canta uma moça de cabelos longos muito cabelo e cabelo e cabelos marrons e canta e canta e canta. Fendas onde estão santos e santas. Branco. Amplo. Tons de marrom. Tons dos cabelos da linda menina que canta. Sim! Vi tudo do outro lado

dos cabelos. Voz suave ao som do violão. Já aprendeu? Vai ter reforma da casa paroquial. Tem campanha do tijolinho. E tem aniversário do Pe. Alex. Lista de presentes na parede. Jesus segura uma flor vermelha na mão esquerda (as flores de plástico não morrem). Luciano me dê uma mãozinha! Segura o vermelho das flores de plástico lá fora na entrada, ao pé da santa. Lá ao fundo a peça de madeira. Lá ia lá confessar. Confessar confessar confessar confessar... pelos furinhos redondos não encontro ninguém do outro lado. Nada mais que mais bolinhas redondas. Sacos de lixo pretos pendurados no varal da casa ondulam ao vento, ganhando volumes estranhos. Entramos num bosque. Frio no rosto. Primavera em Curitiba à estudantil. Venta. Verde e cinza. Água no cano criando uma lagoa *fake* e o som d'água entre pássaros. Um homem corre enquanto a garça branca estica o pescoço. Chapeuzinho vermelho passa por eles de língua de fora pra que esses olhos tão grandes? Espécie de bosque aberto próximo à Associação de Moradores de Higienópolis. Volta. Ônibus quase vazio. Vai deixar o troco pra eu tomar um café? Chacoalhando sentadas. Setas pretas em laranja e laranjas sobre preto BR116 SUL 40 Km/h VIP TEMOS LENHA. O cara tava puxando minha costela pra cima pára com isso cara! La laiá la iá laiá fui lá no bar, queria jogar um truquinho lá! Portas abrindo. A moça sobe no ônibus na rua XV de Novembro. Portas fechando. Cobrador assobia. Eu só assobiava e cantarolava pra ele essa

música e ele já ficava famoso! Ele nunca pegou ônibus não?
Assobia assobia! Lá laiálaiá laiá iailaiálaiá -

por Maria Kasper e André Pietsch Lima

Música clássica e corpo quente, febril. Suor escorre pelo corpo enquanto escrevo com firmeza, palavras sem esforço. O inconsciente domina as teclas da máquina de escrever e da seiva, a raiva, derrama o veneno ; O corpo em êxtase, calafrios, um tronco rígido, enraizado no solo da infância escura de uma pequena (e) muda;

Toda a raiva de existir em um solo e não germinar ; toda a angústia de estar perdida em vales secos de solidão, de lama e areia movediça, que puxa para dentro das mais profundas lembranças; presa, sem crescer, sem florear, chovendo o desejo de sair da lama obscura; mas o sol não pode entrar num vale de lágrimas, encoberto pelas grandes árvores ancestrais que cobrem o céu.

As árvores que crescem, criam raízes ao luar; São plantas malditas, de raízes podres e fúnebres; Ossos enterrados entre raízes, almas que rondam o vale a gritar por socorro ; um grito sem eco de uma dor que já não sentem;

Um grito no vazio que não será ouvido para além das grandes árvores de folhas negras que sugam os gritos, são delas a sua essência;

Nas folhas, todos os pecados não redimidos, todas as negações e todas as confissões profetizadas em alto e bom tom de padres

safados e corruptos que hoje queimam nos terríveis infernos da consciência;

As árvores são prisões, grades e tampas dos sepulcros; as fortalezas, o pulmão escuro e esfumaçado.

Do deserto perdido entre miragens, os personagens de uma história não inventada; areias do vento, esfregam em olhos; pessoas continuam a se mover sem direção, rostos encobertos por panos amarrados em cabeças queimando ao sol; ouve-se vozes trêmulas que chegam como um sopro do vento.

Escuta-se a voz horrorizada e sofregante que lamenta por não ter ouvido antes; subitamente se acaba em pó, sumindo ao ar quente, meras partículas de areia perdidas em uma imensa duna de cinzas;

não passam de brinquedos ao sabor do vento, numa dança sem sentido algum;

O grito do vento é ouvido pelas montanhas cinzentas, chegando ao vale das árvores mortas e ancestrais perambulantes, carregando o fardo de mover as cinzas pela eternidade

o vento chora em desespero e chove;

agora rastejamos em busca de sobrevivência;

dependentes um do outro para continuar;

percebemos que juntos podemos evoluir enquanto espécie,

Foi então que inventamos o amor;
somos agora uma espécie de peixes e lagartos que possui
consciência coletiva;
somos agora uma espécie de invertebrados rastreando até
ganhar asas.
A palavra antes do choro é amor.

por Kyanny Onofre Pompilio

Preço fixo

Estou perdido. Preciso pegar a encomenda na rua Esquerda, número 21. O último trem retorna em uma hora. A Preço Fixo é uma loja imponente, me disseram. Uma das mais charmosas da rua que se tornara, nos últimos anos, a mais importante da cidade. Comércio que atendem aos mais exigentes clientes estão sendo inaugurados na velocidade de uma locomotiva a vapor. Difícil achar um proprietário de estabelecimento da rua Esquerda que não tenha viajado à Europa. Fácil demais. Qualquer coisa pergunta pelo dono, o Rubens. O chapeleiro, o coveiro, o sapateiro, o carvoeiro. Todos conhecem.

Acontece que não encontro a bendita rua no mapa da cidade que peguei na estação. Nenhuma chama-se Esquerda. Confuso, sento na sarjeta da rua Obliqua. Resolvo visitar todos os números 21 existentes na redondeza. Começo pela que estou. Não encontro. É bem curta. Vai da estação de trem a um convento, no número 19. Dali começa uma outra sem nome, mas com muito amanhã. Repleta de lotes vagos. O trem sairá em 44 minutos.

O primeiro 21 que acho é o da rua Diagonal, uma casa de alguém que ostenta um Ford novinho em folha na garagem. Faço nada, a não ser olhar. Mesmo assim, o cachorro cumpre seu papel de anunciador da presença alheia. Ninguém em casa, só o carro e o cão. Atesto com as fortes palmas lançadas ao ouvido dele. Vamos

ver quem ensurdece o outro primeiro? Ali não há comércio algum e, por suposto, nem a minha encomenda. O trem parte em 35 minutos.

Entro na rua Central. Só há números pares. Resolvo contar 21 passos desde seu começo ou fim. Paro. Na frente, uma igreja. Atravesso a rua e adentro a praça. Resolvo perguntar pelo Rubens ao jornaleiro. “Nunca ouvi falar. Na Preço Fixo, sim. Fica na rua Esquerda. Ela cruza com a Direita, que começa do outro lado da praça”. Obrigado pela atenção. Até mais ver. O trem parte em 26 minutos.

Ando toda a rua Direita. Vejo alguns comércios pouco vistosos. Nada da Esquerda. Paro no número 21. Uma senhora varre a calçada. “Acho que o Rubens viajou, mas a loja deve estar aberta. Sabe que nunca me liguei muito em nome de rua, moço. A cidade carece de lonjura. Os caminhos eu guardo comigo”. Apressado, nem me despeço. O trem parte em 14 minutos.

Desespero. Volto à praça correndo. Encontro um menino com cara de sabido empinando pipa. Sem fôlego, pergunto pelo Rubens. “O da loja onde tudo tem um preço fixo?” Isso, esse mesmo. Só pode ser ele. Onde é a loja? “Lá onde tudo tem um preço fixo. É muito boa de comprar, minha mãe que diz”. Mas onde? “Minha mãe é quem sabe”. Posso falar com ela? “Sim, ela trabalha na estação de trem”. Olho o relógio. Lamento não poder

fixar o tempo tal como faz o Rubens com o preço das coisas na sua loja, na rua Esquerda, número 21.

por Leandro Belinaso

O
ar
ria.
Como
vento
gozava
sozinho
dançando
folhagens.
Divertia-se
sonorizando
instrumentos,
rarefazendo-se
desoxigenações
alveolariformes
verti
gino
sa
men
te,
irrespiravel mente.

por Lina Ribeiro Venturieri

A cada metro do céu

Dos sedentarismos acelerados das cidades sou parte de um grande enxame: pequeno inseto de função demasiadamente específica, de asas vergonhosamente fracas que, apesar das muitas agonias silenciadas, prefere acreditar-se fundamental à coletividade. Um ser nas cidades: ininterruptamente levado por uma corrente com a força do recuo do mar que, sem avisar, deixa à deriva bases que encontravam segurança no chão. É quase impossível andar com os próprios pés aqui. Fingindo originalidade numa terra globalizada. Um ser global. Arrastado por ditos e não ditos e feitos e não feitos e deveres e alguns desejos forjados. Conduzido por vozes que clamam “sabemos de tudo”, “podemos ser tudo”, “pega a minha mão”. Tentações que se infiltram (agentes mestres do disfarce preparando-se para a guerra) me autuam, me impregnam. Ai de mim. Capturada incessantemente pelos truques das grandes máquinas: eficiência imperceptível. Meus olhos não conseguem desviar-se dos espelhos que encontro entre cada compromisso: no meu quarto, um; nos dois banheiros, três; no elevador, quatro; cinco no carro, são nove; na sala de espera, dez espelhos por dia, vários *looks* por dia. Com que se parecem esses meus olhos? E meu rosto? Com que se parece minha boca? Muito grande? Minhas rugas? Muito fundas? Por onde passaram meus traços? Fizeram pacto com

alguma memória corrompida? Um ser que se adere ao pavimento das avenidas conduzido por automóveis cada vez mais temperamentais: “sou um com a máquina”. Simbiose poderosa que faz abrir as fechaduras que resguardam os segredos mais deliciosos das cidades: que doces compartilhar hoje? Que migalhas degustar virtualmente por aí? Nos mercados, museus, praças e restaurantes, flashes de autonomia e alegrias momentâneas que, eu desconfio, só servem para me podar ainda mais: “como estou satisfeita aqui, olhem!”. Humano e máquina e cidade são um só. Um grande monte de engrenagens à mercê da correnteza. Se fosse dizer alguma coisa sobre isso, eu diria: “Sinto-me irremediavelmente moldada pelas cidades que percorro. Irremediavelmente envolta pelos olhares, outdoors e promessas de um novo tempo-presente, sempre atrás de uma nova história para contar nas telas desse universo que se declara contemporâneo. Sim, sinto-me irremediavelmente inútil”. E, se tivesse sorte, alguém me responderia: “Mas não totalmente inconsciente. Não se faça de coitada, pois não me diga que você não consente! Você consente, não consente? Não diga que não consente e eu não vou te dizer que eu também não consinta em ser engrenagem, em alimentar os espelhos, em me alimentar de migalhas. Nós alimentamos essas cidades, não percebe?”. As minhas viagens são determinadas por roteiros, que guiam passos e possibilidades. Roteiros que fazem compor uma cidade sem

vida na inconveniência da imprevisibilidade. A cada plano, a cada rota previamente traçada as brechas se fecham. “No nosso site de viagens você encontra os melhores destinos para visitar em suas próximas férias!”. Eu sigo pelas trilhas já abertas porque não me ensinaram a explorar a mata fechada. É difícil demais desbravar as cidades. É difícil demais inventar outras cidades. Mas numa quinta-feira à noite eu entrei no avião. Entrei no avião no aguardo por chegar a outro lugar. Tantas vezes já subi em um avião. Já estive no céu uma dezena de vezes. Já olhei pelas pequenas, retangulares e um tanto embaçadas janelas dos aviões e cheguei a ver os mais variados tons de azul, com e sem nuvens, com e sem estrelas. Já vi muitas vezes a cidade e suas cintilâncias ao longe. Já senti o frio na barriga de estar à deriva num quase vácuo atmosférico, o medo das turbulências, a ansiedade nas tempestades, a vontade dos *snacks*. Mas algo dessa vez foi diferente. A fila para ocupar as poltronas já demarcadas se formava no corredor central. Aos poucos as pessoas vão encontrando seus respectivos lugares, dispendo seguramente as bagagens no bagageiro como quem coloca todas as suas responsabilidades em espera. Escolhera o acento da janela como já era de costume. O avião decola. A cada metro do céu que ele escalava ferozmente, a cidade ficava mais evidente. Os postes de luz; o pavimento cinza; uma, outra, muitas construções muito altas iluminadas por dentro que eu via muito de perto, pois

decolávamos por entre os imensos prédios: as sombras dos movimentos atravessavam as janelas de vidro e eu sabia que tinha alguém ali. Muitos *alguéns* se movimentavam e muitos se aderiam às paredes, à mobília, em suas atividades diárias, seus encontros diários, suas discussões diárias, suas faces, seus *looks*. De repente eu já podia rir de todos eles com suas pré-ocupações desvairadas. Nós, aqui dentro, descolados de nosso habitat natural, tornávamo-nos reis e rainhas de nossos próprios pensamentos, eu brincava comigo mesma, apesar de ainda não dispensar o café que fortemente tentava se infiltrar em meus devaneios mesmo antes que o aviso de “apertar os cintos” tivesse se apagado. E o avião subia, e a cidade, num ato quase surpresa, ficava mais longe: já via à distância as luzes dos postes tocando o cimento e até onde elas alcançavam, o que elas atingiam e o que passava por elas; velozes, os carros desenhavam o cimento. Mesmo com os indícios do café, não descolava os olhos da janela e do concreto que, através dela, aos poucos, se dissipava. O avião, a cada segundo mais distante: ruas inteiras tomavam forma, eu via de onde elas vinham e para onde elas iam, eu via com quais ruas elas se encontravam, e os carros já não eram mais tão velozes. O avião foi subindo, já não mais tão violentamente, nem tão inclinadamente: as ruas, as avenidas, as grandes estradas, eu via o quanto uma difere da outra: grandes e pequenas artérias, veias, capilares. Algumas percorriam todo o corpo da cidade. Irrigavam

os órgãos. Nutriam as células. O cimento fluía. A cidade fluía. Os habitantes: pequenos grãos de vida em suspensão. Pulsante a cidade respirava. Lá embaixo. O avião subiu tanto que ultrapassou as nuvens transparentes que se punham no caminho. Por um tempo as luzes seguiam o rastro do avião, conseguiam atravessar as nuvens, contornando-as, fazendo-se presentes, insistentes, querendo ser notadas. A cidade queria nos alcançar. Mas a cada céu que o avião subia, levava um pouco da força das luzes. As nuvens se tornavam mais densas, mais opacas: não deixavam mais passar nada, nada entrava. O avião já não subia mais. E a cidade desaparecia. E eu já não ouvia vozes. Nada chegava. E nada saía. “Que alívio é esse?”. Um silêncio de consciência. Silêncio de rotas. Silêncio de nervos. Agora a cidade era eu, no meu pequeno vazio. E o avião era a minha casa. Esse entre-lugar. Esse não-lugar: a cidade que eu costurei entre as nuvens.

por Mariane Schmidt da Silva

Na carona

A carona

palavra feminina

proibida

principalmente quando exclusivamente

fêmea

viajante

foi assim que percebi

que a palavra sozinho existe no plural quando usada no feminino

vocês estão sozinhas?

vocês têm namorado?

o seu namorado te deixa viajar?

e viaja assim de carona?

loucas!

se eu quisesse, faria o que quisesse com as duas aqui!

mulher minha não pode tá na rua!

dentro do caminhão sigo engolindo

mentindo, marido que não tenho para me proteger

Na estrada

quebrei expectativas

nos caminhoneiros só encontrei olhares tranquilos

olhares que até me ignoravam

feliz em paz com olhos que ignoram e não devoram

e que não olham da mesma forma como a um pedaço de carne
e também conheci olhos vermelhos
do chupa-cabra
foi uma carona até Porto Alegre
disse que nos deixaria na estrada
e que tínhamos duas chances
pedalar na tormenta de carros até o inferno na terra, descrita por
ele como a temível rodoviária de Porto Alegre
ou
atravessar pedalando por duas horas a estrada perigosa de
Eldorado, passando por Ilha das Flores, local conhecido por um
documentário famoso que mostra pessoas comendo restos que os
porcos deixaram dos restos de outras pessoas. Nos disse que o
caminho era um local de drogas, violência, pior que uma favela,
com morte e estupro e roubo a cada esquina. A única chance de
atravessá-lo seria ao entardecer, junto aos homens da carroça do
lixo
mas que
enquanto mulheres
era quase impossível a travessia
o chupa-cabra, quando era jovem, um dia saiu de casa a pé e
seguiu caminhando por 30 anos. Rodou o Brasil andando sozinho
e, como todo o filme romântico de viajante, passou por uma
comunidade indígena e obteve um ensinamento

Se na vida há algo de que tens medo, debes enfrentá-lo sem o medo e assim aquilo que temes terá medo de tua força e coragem, dizia ele

indecisa e desconfiada com as histórias, sem saber para que lado da estrada iria seguir, cruza um carro com a frase escrita na traseira

Não acredite em sorrisos, olhe sempre para os olhos

olhei os olhos do chupa-cabra

vermelhos sangue

TRACK

um barulho interrompeu meu pensamento

o ferro da bicicleta que estava no bagageiro da caminhonete quebrou o vidro ao lado da cabeça do chupa-cabra

ele nos olha e diz

Agora está tudo bem, o que tinha de ruim para acontecer já aconteceu e podem seguir tranquilas por Eldorado

descemos da caminhonete

a cidade logo nos recebeu com euforia

buzinas, fumaças e gritos de boas-vindas

sai da rua!

vai para a calçada!

vou te atropelar!

confusas

sufocadas

em terra sem espaço para bicicleta nem mulheres
sozinhas
nos refugiamos em um ônibus
e desembarcamos em terras uruguaias
tranquilas
aqui encontrei
mulheres que com seus maridos viajam
mulheres amigas que viajam juntas
mulheres casal que viajam juntas
uma mulher palhaça viajante com o circo
uma mulher que viaja sozinha há dois anos até o Alasca
mulheres sozinhas
loucas
todas
deslucando-se
na bicicleta
na carona

Na palavra feminina

Trechos do diário de viagem de carona e bicicleta de
Florianópolis até o Uruguai da viajante

por Marília da Nova Storck

Ponto além do...disparatado por Caio Fernando de Abreu

Acabei de conhecer você
não quero aprender seu nome
você se parece com uma nova espécie desconhecida de gente,
reparou? O nome sempre diminui a grandeza misteriosa de cada
qual,
entrei em transe, não conhecia mais as pedras do caminho
enquanto íamos, ouvia os sons de cada gota de chuva, nas folhas
grandes, no chão de pedregulho, nas flores recém-abertas,
apodrecidas,
no marulho branco do mar ali pertinho
sons ofuscando suas palavras,
desejei parar o tempo,
estancando meus passos, mas
seguíamos cada passo sem nos determos
e todos os sons juntos falavam ao mesmo tempo
mais que a sua voz que não parava e aumentava o volume, para
superar as gotas mais grossas,
me desesperava porque só eu ouvia a chuva aumentando
e nada do que dizia fazia a chuva diminuir
tive a exata noção
sabia daquele tempo
queria vivê-lo com sua cor, cheiro e não perder nenhum detalhe

e antes de virarmos na curva eu vi
quando mirei para trás, tive um vislumbre de onde viveríamos!
mas você continuava ali quase dilacerando meu coração,
forçando a musculatura das coxas, caminhando a passos largos
como se nada estivesse acontecendo
e a tempestade ameaçou e só então procuramos abrigo
numa aba de telhado sobre nós,
olhei para você e uma calma imensa me invadiu
queria chegar até o fim, estava tão bom ali
outras coisas nos impediam e tivemos que sair
um gosto me veio à boca, meio agridoce
e pude antever claramente, você lá no futuro
estava só, numa depressão enorme
e eu não conseguiria contar a você nada sobre isso
você não entenderia, nem ninguém
ali naquela rua à beira-mar, depois da chuva
embaixo da mesma nuvem meio rosada
da tarde, sobre um fundo cinza chumbo, sem arco-íris
querendo chegar ao fim
e quando olhei você de novo, no canto dos seus olhos vi
aquele segredo que nunca me contaria,
sua vida totalmente escondida e tão dentro de você
eu jamais alcançaria, não alcançaria você, não alcançaria e isso
martelava a todo instante na minha cabeça

incrível, eu estava totalmente feliz por um momento
que me escapava como uma flecha disparada assobiando os ares
dentro daquela avenida, tão fora do meu alcance
era só um passeio e de repente me via ali no desamparo,
até imaginei um raio nos fulminar naquele exato gesto,
das suas mãos levantando lentamente para acomodar os cabelos,
mas
sobreviveríamos
mesmo saindo um pouco chamuscados ou, quem sabe, um
desastre?

Me veio a imagem do carro rolando ribanceira como um filme
quando contássemos nossa história todos se espantariam!!!
Então você se virou e disse, não está prestando atenção ao que eu
digo!

Eu pensei em voz alta “Claro”, você insistiu. “Claro? O que quer
dizer com isso?”

“Claro que sim”, eu disse, cantarolando,
seu sorriso se abriu totalmente e me fez voltar aos 22 anos,
idade que minha mãe tinha quando nasci.

Eu não sabia que você era tão importante para mim, percebo,
com surpresa, ao mesmo tempo algo me prende, gostaria de não
me importar tanto, aí você parou de falar e passou a me examinar
atentamente, me classificava em uma das suas gavetinhas bem

convencionais, imaginei... olhou na ponta do meu dedo e disse:

“O que é isso?” um calo do meu instrumento de cordas.

Nem levou em consideração, pensei

Ah, sempre estou no lugar errado, na hora errada, com a pessoa errada, embora isso não me afete de uma forma dolorosa, já me acostumei!

Em minha insônia sempre penso, vou morrer agora, então você me tocou nos ombros de leve para pararmos de caminhar e disse: “Nossa! Quanta irritação no seu rosto!” “É mesmo? De verdade?” ao contrário, porque essa caminhada me tirou do rumo habitual que, por sinal, não faz mais nenhum sentido. Minha vida não tem nada de novo, afinal, não consigo sequer perceber o mundo!

Você balançou a cabeça. Está aqui, agora pode viver sua vida!

Sim, mas, somente aqui, poderia estar numa outra praia, mais bonita do que essa, num barco, num voo como um pássaro!

Sua gargalhada fez cócegas na minha insignificância, seu olhar me invadiu de tal modo, me encolhi.

O celular apitou, retruquei: “Alô!” Com aquele charme de que não sabe quem é

(eu sabia que não era ninguém, era só o aviso, para tomar o remédio para dor de dente)

E aí você disse decisivamente: “Vamos embora!”

Fiquei na porta de casa sem querer entrar, tinha impressão de que tudo que vivemos naquela caminhada se perderia para sempre, não seria capaz de lembrar de mais nada em pouco tempo, desesperei, a chuva aumentou agora, todos naquela avenida se abrigavam e esperavam o mesmo de mim, alguém do outro lado da rua ergueu a palma da mão e se deteve ao me ver, me fazendo sentir igual àquela pessoa, a mesma loucura de desafiar o clima era boa, mas foram só alguns minutos e disparei para dentro de casa, olhei minhas mãos acidentadas por queimadura e senti privilégio, por ter uma marca tatuada a fogo só minha.

por Marta Catunda

O intuitivo

Era uma vez uma história que, dependendo do tempo em que você vive, ela ainda está por acontecer. Assim como muitas e muitos já a viveram, eu vivi, eu e aqueles três caras. A história até que é normalzinha, mas o começo... Era mais um dia normal de aula, papo vai, papo vem e o professor descolado, como ele se achava, perguntou, “De que século é o Einstein?”, Lídia, a empolgada, com a mesma euforia com que antes conversava com a parceira ao lado, respondeu, “14!”, “NÃO!!!”, disse ele, ..., Claudio, o quebra gelo, disse, “12?”, “Não!”, Tamires, a distante, pressionada pelo olhar dele disse, “14?”, “NÃO!!!”. Eu parei e pensei, pensei, pensei e concluí, foda-se! Aproveitei que ele estava de costas e vazei. Saí por aí, andei pela rua, fiquei um pouco sentado na sombra, comi umas amoras, acompanhei as formigas, peguei o ônibus. Tava com grana, sem destino, nem me importei, só fui. Fui direto para o banco mais alto, lá atrás, gosto dele, pega o vento da janela e dá pra ver tudo, a rua, a paisagem. De longe já deu pra ver uma galera, no meio da rua, em cima da ponte. Fizeram a gente parar, entraram no ônibus, pularam a catraca, gritavam umas paradas muito loucas, nem sei o que era, naquele dia ainda não sabia, era muito barulho, tinha muita gente, dentro e fora do ônibus, na rua, em volta do ônibus, gritavam um monte de coisa, ninguém se entendia, parecia que nem falavam a mesma língua. Estavam tão eufóricos, entretidos, histéricos, esotéricos,

sei lá o que estavam. Acho que alguns nem sabiam onde estavam. Só sei que eu tava lá, e consegui ver, eu vi que lá embaixo da ponte, do outro lado da margem, lá longe, eu vi, tinha dois prédios, iguaizinhos, e caíram! Desmoronou, uma loucura, uma poeirada só, estavam longe, mal deu pra ouvir o eco, eu me lembro deles caindo. Eu lembrei. O mais louco é que, quando caiu lá, um pouco depois na outra margem, uma galera, muita gente mesmo, estava fugindo, tudo empilhada em uns barcos, muita criança, mulheres, idosos, parecia que eram feitos de sucatas, improvisadas, deviam ter sido construídas com pressa, ou roubadas; os barcos, não sei. Eles tinham um olhar estranho, pra mim era estranho, muito vazio, sem direção, sem esperança, só estavam indo, indo para qualquer lugar, qualquer lugar a que aqueles barcos pudessem levar, qualquer lugar que não fosse aquele de onde tinham saído. E a galera ali, em cima da ponte, em volta do busão, tudo parado. Eu já não estava entendendo mais nada, já não aguentava mais nada, já não entendia qual era a relação dos fatos, estava ali, no banco mais alto com a minha mochila. Eu sabia, Einstein era do século XIX! Aula, Einstein, século. Mas o que tudo isso tem a ver? Que século é esse? Quem eu sou? Porra de Einstein! Era muito barulho, movimentos, informações. Olhei pra trás, estavam lá, os três caras sentados, eram eles, pelas caras estavam na mesma que eu, talvez até tinham fugido da aula também. Em lapso rápido de tempo, muito

rápido de tempo, parece que tudo ficou em silêncio, nós percebemos aquilo tudo e fizemos um longo debate de olhares, concluímos que estávamos juntos e que devíamos sair dali. Demos as mãos e saímos pela porta de trás, eu e aqueles três caras. As pessoas perguntavam coisas pra gente, não entendiam por que a gente estava tentando sair dali, não sei como não conseguiam entender, tava na cara, na cara deles! Olhávamos pra elas, com os olhos, e tentávamos mostrar que aquilo era uma loucura, e só conseguiam, compreendiam, que a gente era os loucos da história. Na verdade não sei o que eles compreendiam, acho que era isso, o que tenho certeza é que queríamos sair. Vimos que ali na margem tinha um barqueiro parado (parecia que ele não se importava com o que estava acontecendo ali, o mar era mais atrativo pra ele), ele podia tirar a gente dali. O barqueiro nos entendeu, demos um dinheiro pra ele, ele nos levou pra longe, perguntou onde queríamos parar e Paulo falou rapidamente: “Ali onde não tem ninguém!”, e foi lá que ele nos deixou. Por incrível que pareça, todos naquele barco, naquela época, se chamavam Paulo, o barqueiro, o convicto, o confuso, o músico e eu. Assim que descemos do barco, o Paulo leu a placa em voz alta, “Afastese! Área restrita. Se você parou, não ultrapasse, estará sujeito a riscos e garantias que podem lhe causar crises de identidade, siga o seu caminho!”. Nisso, Paulo, o convicto, estava pensando: temos que caminhar bastante, tenho que achar um ritmo de

caminhada ideal, deve-se usar a energia elástica dos músculos para econom... (tropeçou), distraído como sempre não viu o Paulo confuso parando para ler a placa. Como um novelo, enroscado em si, caímos e rolamos pela grama adentro, morro abaixo e depois morro acima, quando paramos, estávamos cercados, uma plantação de cana, tava cercada, dava pra alcançar, peguei o facão e tirei uma vara para cada um, um tamanho que julguei adequado, ia servir de cajado para auxiliar na caminhada, um tanto para escorar e tanto para nutrir a alma de açúcar. Seguimos para o sul, sabia que era pro Sul porque o vento era norte, nos empurrava junto com toda aquela areia. Pareciam almas, livres, rumo ao destino, deslizando sobre a praia, a areia, nós, as gaivotas, na praia, em direção ao sul. Caminhamos, cantamos, questionamos, dormimos, sonhamos, nos reconstruímos, seguimos, sem nos arrependermos, sem olharmos para trás, sem julgamentos e certezas, mas certos de que iríamos chegar. Chegamos. O mundo, redondo como é, nos guiou, nos girou, nos levou direto, de volta, lá, com ele, junto com as formigas, na sombra. Soltamos as mãos, nos olhamos, cada um no seu tempo, fomos para os nossos lugares. Já era hora, não podia perder a chamada, era hora de aguardar, de saber o que é um século. E esperar mais uma safra de amoras.

por Rinaldo Oriano

(de)Compondo

Quarto vazio, quarto no silêncio. Na mão, um violão. Na cabeça, uma linda canção que não sai do mundo das ideias. Que ideia... Compon! (De)compor sobre uma história em decomposição na mente. Está mesmo? Os ouvidos anseiam por um bom acorde: ACORDE! Tenha DÓ! Vê SI MI FA.z algum SO(L)m! Quem sabe a (de)composição acontece! Barulho de moto corta o vento. Corta o clima. CORTA! Cena 2! AÇÃO! Sair de Casa. Passos arrastados, mas pelo menos as pernas se movem. Mente voa e, como Ícaro, se machuca ao se aproximar demais do que não(?) devia. Mas o sorriso está colado na face. Encena-se mais um sorriso. É só riso. Felicidade? Feliz só a cidade ao meu redor. Um dia de calor ou um dia de frio, mas um dia comum. Mais um dia. Está tarde! Que horas são? Todas talvez.

Alguém vem vindo lá. Não pode ser! Será? Acena! Que cena... A mente mente e os olhos veem quem (não) se quer (re)ver. Nunca mais! J.ama.is! Mas como? A vista se embaça e impede de enxergar as pernas levando o restante do corpo para o mar. Nessa altura, Ícaro já caiu, não sobre o solo estável, mas sobre a força que dá vida e que também destrói. Força que ama.rra e não desama.rra mais. Instável e inconstante. Força irritante! Pés já descalços tocam a areia e seguem em direção à escuridão à frente.

O vento traz sal a um rosto já salgado pelos olhos. Camisa é tirada. Mente é despida. A água salgada nos pés lava os passos. A água salgada no rosto escorre e mistura-se ao mar. Assim, o corpo afunda completamente tal qual a mente. E tudo se mistura ao mar. Tudo ao mar. A(h!)Mar... No fundo tudo parece tão mais calmo. Se o violão pudesse estar ali, talvez aquela canção viesse a este mundo. Mas parece que nada sairá do fundo. Nunca mais.

por Rodrigo Chagas

Delírios de des-loucamentos (in)significantes

Queríamos interromper a velocidade e o imediatismo do mundo, sabotar tempos. Na escrita, na pausa, no movimento, a deriva, desnudar invisibilidades, (re)criar cenas. (In)ventar (amar)rações nas intermitências cotidianas. Criar voando pela imaginação infinita do universo. Num giro contínuo e permanente, nem rápido nem devagar, sem freios nem rumo. Bicicleta é meu verbo. Com ela perder tempo é uma escolha. Perder-se no tempo é uma consequência avassaladora. Abraço o mundo com a energia do meu corpo. Um corpo que é campo de batalha, um terreno inegavelmente meu, de existência e experiência. Com o prazer transitando por entre minhas pernas, recolho pedaços de mim nas (in)significantes pedaladas cotidianas. Ouço meus silêncios. Como é ser eu mesma? O que crio a partir do que aprendo e do que me afeta? O que me afeta?

A noite cai e a cidade se prepara para transvestir-se. O silêncio paira no ambiente. Este é o momento oportuno para sentir a temperatura da rua. Com o vento assobiando, (rein)ventamos partituras. Silêncios. Com ele é possível escutar os sussurros gritantes dos pensamentos. Estar só, silenciada, é ter a oportunidade de encontrar-se consigo. De escutar a si mesma, dialogando fervorosamente dentro de si. Pedalar à noite é provar da desertificação citadina, da calma, de outras sonoridades

urbanas. É escutar a melodia da energia dançando poste a poste. É enxergar desenhos em sombras e brincar de esconde-esconde com a minha própria sombra. É sentir a luz que vem do céu nos guiar. A lua como um farol, as estrelas purpurinas e relâmpagos holofotes nutrem minha loucura, incitando criações, desloucamentos, desatinos, permitindo (re)criar atalhos. De tempos em tempos a vi(d)a é toda minha, regando a sensação inebriante de emancipação e autonomia. Sinto o aroma adocicado das rosas que (r)existem nas paisagens urbanas. Saboreio a manga madura que caiu da mangueira na rua. Feitiçaria que contagia meu corpo e meu ser.

O muro em branco nos interpela. O higienismo padronizado desperta desconfortos. O pixo dialoga e de repente saltam cores no cinza. Naquela quadra com encruzilhadas e ladeiras delirantes, enquadrei quadrados no quadro da janela. O vento tocou o sino sussurrando com seus redemoinhos. A chuva trazia frescor inundando a terra com um ruído pitoresco.

Pedalo. Ziguezagueando, eu e minha bici experimentamos o clima, deixando rastros da nossa (in)sanidade, (rei)ventando outros modos de (vi)ver a cidade. A urbe me apalpa, me toca e eu a massajeio com o meu pedalar. O chão torna-se apoio que sustenta nossas criações, suporta nossas escrituras, intempéries e rasuras. Nos acolhe em meio a tropeços. O asfalto argiloso propicia moldes inusitados, de acordo com o vai e vem dos

motorizados. A poça d'água me encara, comovente a forma como ela me cativa e me ampara. As fissuras e remendos no pavimento cochicham, redesenhando contornos e urbanidades raras. Mapas repletos de afetividades e desejos vão sendo tecidos em meio a instabilidades e lampejos.

A cidade tem pressa em se mover e esquecer. Algo incompatível com o corpo humano. Tem fome e sede insaciável de entorpecer. Produzindo afetos, torna-se território de conhecimentos e reconhecimentos. É também um corpo composta de várias partes que se nutrem e se sustentam. Nela há naturezas que se renovam, re-existem, nos lembrando dos trajetos sensíveis. O mar, o mangue, os rios hidratam a vida nas cidades. Regam inventividades. Memórias (re)vividas, (re)contadas que exalam fascínios e mistérios. Querendo interromper a velocidade e o imediatismo do mundo, sabotamos tempos. Nos perdendo em meio a tantos experimentos vimos ruir a noite e o nascer de um outro firmamento.

por Sheila Hempkemeyer

Previsão para dias cinzas

Permita-se perder o controle.

Notas de esclarecimento:

Nota0: Os dias das cidades são cinzas;

Nota1: O deslocamento não depende da trajetória, e sim do traço deixado no mapa.

Representa a medida em linha reta entre a posição inicial e final, um registro de percurso;

Nota2: A distância ou espaço percorrido é marcada pelo acúmulo da trajetória, pode ser quantificado e até mesmo esvaziado;

Nota3: A nebulosidade é um fenômeno que indica nossas tentativas de ser e estar no mundo;

Nota4: O vento é errante por definição e é caracterizado de acordo com a intensidade e direção em que se movimenta;

Nota5: A pressão aumenta conforme o tamanho da coluna de ar que incide sobre sua cabeça.

Ou seja, quanto maior a pressão, mais ar disponível;

Nota6: As linhas de instabilidade caracterizam-se pela presença de fortes precipitações e frentes de confronto;

Nota7: Em uma tentativa de preservar suas identidades, o encontro de duas massas de ar distintas cria descontinuidades ao longo da zona de contato;

Nota8: Dizemos que o tempo está firme quando o contexto está estável;

Nota9: Quando expostos a variações climáticas, podemos conhecer nossa capacidade adaptativa e experimentar a condição vulnerável de nossos corpos.

por Sofia Brito

Sobre esperas e aprendizagens

Saio de casa a passos rápidos. Preciso pegar o ônibus a tempo de almoçar na universidade antes de a aula começar.

Uma chuva repentina provoca uma enxurrada de água que desce como cachoeira na frente de minha casa. Decido atravessá-la.

Molho os pés.

O vermelho dos meus tênis vermelhos mancha minhas meias, minha pele, meus pensamentos.

Água invasiva... Deixa sua marca mesmo depois de evaporar... Passa modificando cada superfície que toca... Desterritorializa consistentes verdades, reterritorializa-se em possibilidades de vida...

Nem toda superfície se deixa ser modificada por ela. Algumas desejam outras materialidades e sequer percebem sua presença. Outras, como minhas meias, são encharcadas, modificadas, e não encontram outra opção senão encarar seus devires e seguir se movimentando em meio a essas mudanças, sejam elas desejáveis ou não.

No dia seguinte me sinto diferente. Meus calçados ainda não secaram... Mesmo com um sol escaldante, a cada passo noto a tinta vermelha se espalhando e colorindo meu corpo. Estou mais leve, mais fluida... Não consigo dizer 'eu'. Sinto-me múltipla, movente, inconstante... Será TPM? Não tenho certeza... que bom!

Direciono-me até a parada de ônibus e espero, gotejando de calor e ansiedade, por um ônibus que tarda a passar. Começo a observar uma funcionária da prefeitura que varre pacientemente a sujeira na beira da rua. Ela usa um chapéu de abas largas e mangas longas para se proteger do sol.

De súbito me bate um medo de evaporar. Esse medo insistente... essa vontade de verdade que teima em me afrontar...

Protejo-me sob o toldo de uma loja.

Avisto o ônibus lotado se aproximando e sinto em minhas moléculas sua trepidação. Respingos de mim se espalham e me multiplico. Gotas de chuva ou de suor?

Gotas de existência!

O ônibus para. Não há tempo de me recompor. Subo mesmo assim ou tento absorver os respingos que ficaram para trás?

O calor me faz hesitar. Deixo passar.

As gotas começam a escorrer e formam uma poça sobre mim, modelando minha forma. Múltiplas formas. Espalho-me na superfície.

Observo mais um pouco a moça que varre a rua e sinto que meu olhar altera seus movimentos. Ela me olha com o canto dos olhos e se vê refletida em mim. Desvio o olhar... Agora o que reflete em meu corpo são as rodas de outro ônibus que se aproxima. Também lotado.

Algumas gotículas de mim embarcam apegadas à sola de um sapato qualquer. O resto continua ali, observando os pedaços de papel que cuidadosamente são jogados pela moça para dentro de um carrinho amarelo.

No almoço evaporo. Não pude evitar as mudanças... Para essa aula, restou somente um sapato manchado de terra seca.

- Presente!

O professor sente um sopro úmido, fecha a janela, liga o ar-condicionado e começa a falar.

por Tamiris Vaz

CORAÇÃO PIXELADO

Sentou na cadeira desconfortavelmente: não importava. Talvez agora nada mais importasse. Nada além da conexão que nele existia. Uma dependência quase unilateral. Estranha a aqueles que o escutavam falar, a ponto de surgir um determinado mal-entendido. Mas, para ele, de tal força que faziam os olhos ofuscarem. Sabia que tinha a oportunidade de proporcionar esse encontro na palma da mão, mas não o fazia em qualquer lugar. Não pelo fato das inúmeras possibilidades de insegurança, mas pela necessidade de se dedicar ao momento. Precisava estar em casa. Especialmente no quarto. Ainda que a imersão do encontro fosse tão cativante que a sua porta não precisasse nem estar fechada.

Porém, ainda que acordasse ansioso por esse exato momento todos os dias, tinha de cumprir a rotina antes da hora mais esperada do dia. O desejo era constante. Hipnótico a ponto de fazer com que ele cumprisse todas as tarefas, por vezes profundamente chatas, com uma nada incomum ação maquínica: comia o mesmo café da manhã de sempre; atrasava-se para o ônibus que o levava para o trabalho; trabalhava entregando encomendas por grande parte da cidade e se atrasava para pegar o ônibus que o levava para casa com os mesmos passageiros que havia visto de manhã. Sem esquecer do motorista e do cobrador

de passagens que sempre olhavam para outros lugares quando ele passava. Porém, agora a caminho de casa, esse mesmo ônibus diariamente lotado quase não o incomodava. Quando ele imaginava que a cada minuto a distância diminuía, relaxava as mãos que seguravam a barra, mesmo sabendo que eram elas que o mantinham em segurança.

45 minutos passam. Finalmente em casa, mal sentia as dores nos pés de tanto ter andado-corrido. Talvez nem se desse conta do quanto, mesmo com uma ou duas bolhas prontas para alertá-lo no mínimo passo em falso. A taquicardia agora é consequência fatal. Angustiante aproximação. Já no quarto, pisa no chão gelado de maneira indiferente. Joga a mochila na cama. Tal como alguém que se livra de todo o peso (i)material, senta. Ainda que desconfortavelmente. “*Tick*”. O som proporcionado pelo contato da ponta do dedo indicador com o botão de plástico é reconfortante. Logo a luz branco-azulada pinta seu rosto. Desperta-o como quem acaba de usar uma droga. Com movimentos simples, sabia que tinha à frente o infinito de possibilidades. Bastava um “*click*”. Ali, nos pixels da tela, ele podia satisfazer quantas vontades fossem. Podia ir para onde quisesse: viajar entre universos era fácil. Tempo-espaço (im)possíveis. Podia ser como e quem ele quisesse: mais velho, mulher, canadense. Ou mesmo um grande espadachim. Quem sabe um mago poderoso. Impiedoso. Vingativo. Caridoso.

Curioso. Podia se casar ou ter algumas poucas relações, fossem elas de uma espécie particular de contato. Com dezenas de perfis *fake*. Ou nada disso. Quem iria saber?

Olha no relógio da tela e se esquece da madrugada. Horas depois, exausto, despede-se com um carinho de quem agradece. A luz da tela se apaga e com ela a ação maquínica retorna. Depois de sabe-se lá quanto tempo sendo traído pelos pensamentos, cai no sono desejando ser protagonista como através da tela ele era. Sonha perambular na vida como perambulava nos pixels. Em meio aos devaneios oníricos, sente uma ponta de algo que talvez fosse tristeza. Não sabia de fato se era, ainda que tenha sido acompanhado de uma ironia: onde ele mais gostava de andar não exigia que ele efetivamente saísse do lugar.

por Vinícius Abrahão de Oliveira

esp
aço/esso
(passo e peço)
contra
@ cor
po (r) que
puls

cic
listas/lonas
(ar)ris
cam
(n) inhos
ou outros
pousos

esp
puls/pia
a ave
el nido, a Av.
vuls
via
por onde
indig

cic
atrizes
duma est
(er) rada
ante
devida?
era tarde
qu(al)

nado nado nado nado

DANO

ando ando ando ando

o asf
alto
rui

dei
por
mim

FUI

VIM

FUI

VIM

FUI

VIM

FUI

VIM

FUI

VIM

FIM

por Victor Anselmo Costa